

NEW HEADING/NOVA RUBRICA REPORTHA: Naturae theatrum et mundum/
The theatre of nature and the world/ O teatro da natureza e o mundo

ESTE MÊS – CLIMA E DEVOÇÃO: ROGAR PELO BOM TEMPO DO MUNDO

A capela de Nossa Senhora da Orada (Melgaço, Viana do castelo, Noroeste de Portugal)



Capela de Nossa Senhora da Orada, Melgaço. Mais imagens disponíveis em
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3498

Na freguesia de Vila, concelho de Melgaço, distrito de Viana do Castelo, Noroeste de Portugal, encontramos um dos templos de maior devoção religiosa daquela região - a Capela de Nossa Senhora da Orada ([42°7'12.0"N, 8°15'7.9"W](#)). Ergue-se numa espécie de terraço, com um excelente panorama sobre a vila de Melgaço. A sua construção, patrocinada pelos monges de Fiães (mosteiro vizinho, então pertencente à Ordem de Cluny), remonta a meados do século XIII, marcada por uma arquitetura românica.

Este templo tornou-se um polo de oração e romaria, daí o seu topónimo “Orada”, palco das relações entre o Homem e a Natureza. Com efeito, em grandes calamidades, como prolongados invernos, longas estiagens, terremotos ou epidemias, a população de Melgaço partia em procissão de penitência até à referida capela para aí pedir proteção e implorar socorro divino. Assim aconteceu, por exemplo, no dia 8 de setembro de 1768 e 9 de Junho de 1782. No primeiro caso, a procissão saiu devido ao «rigoroso tempo das munttas chuvas e ttempestades que comttinuavam». A segunda procissão, partiu com o objetivo de «todos

rogarmos a Deos e pedirlhe nos acuda com tempo bom para a salvação dos fructos». Ambas saíram da igreja da Misericórdia de Melgaço, lideradas pela imagem do Senhor dos Passos (os passos da Paixão de Cristo até à sua morte), seguindo até à capela de Nossa Senhora da Orada, onde se fez um sermão.

À semelhança do que acontecia em Melgaço, a realização de cerimónias litúrgicas motivadas por calamidades naturais, nomeadamente por eventos meteorológicos extremos, foi uma prática comum noutras localidades portuguesas (Silva, 2019) e em vários países e regiões de tradição católica (Martín-Vide et al., 1995). Perante a ameaça de destruição das culturas agrícolas, a população suplicava, na forma de preces ou procissões, a misericórdia e o perdão divinos, procurando obter a desejada mudança das condições atmosféricas.

Devido às suas características intrínsecas e à forma cuidada e regular como foram registadas, as preces e procissões *Pro Pluvia* (para pedir chuva) e *Pro Serenitate* (para cessar a chuva) têm-se revelado um excelente indicador (*proxy-data*) para reconstituir o comportamento climático plurissecular no período pré-instrumental (antes do surgimento dos observatórios meteorológicos). O registo continuado deste tipo de celebrações, a sua grande dispersão espacial, a possibilidade de as datar com precisão, a participação de instituições na sua organização, o conjunto de procedimentos estandardizados com vista à sua realização e o facto de refletirem nalguns casos a intensidade do fenómeno meteorológico faz deste tipo de manifestação religiosa um elemento de informação fundamental em Climatologia Histórica.

As procissões, acima indicadas, inserem-se num conjunto de indicadores que permitem reconstituir e propor uma periodização do clima do NW de Portugal na Época Moderna, caracterizado por uma forte variabilidade pluviométrica e reduzido número de paroxismos térmicos (Silva, 2019).

Luís Pedro Silva (CITCEM)

FONTES E BILIOGRAFIA

Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, *Atas das sessões da Mesa*, 1.1.2.4.

NOÉ, Paula – «Capela de Nossa Senhora da Orada» [Em linha]. Disponível em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3498.

SILVA, Luís Pedro – *O clima do Noroeste de Portugal (1600-1855): dos discursos aos impactos*. Porto: [Edição do autor], 2019. Tese de doutoramento. <https://hdl.handle.net/10216/121851>.

MARTÍN-VIDE, Javier; BARRIENDOS, Mariano – «The use of rogation ceremony records in climatic reconstruction: a case study from Catalonia (Spain)». *Climatic Change*, 30, 1995: 201-221.
<https://link.springer.com/article/10.1007/BF01091842>